

DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA AOS JOGOS PARAPAN-AMERICANOS: UM OLHAR INTERSECCIONAL PARA AS TRAJETÓRIAS DE UMA ATLETA E UMA TÉCNICA NEGRAS DE PARABADMINTON

Stéphanie do Prado Brasil¹

Aline Miranda Strapasson²

Marília Martins Bandeira³

Raquel da Silveira⁴

RESUMO

Este estudo tem como objetivo descrever a trajetória de uma atleta e uma técnica de Parabadminton (ambas mulheres negras) desde o início do projeto de extensão “Escola de Esportes Adaptados e Paralímpicos” da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019, até a classificação para os Jogos Parapan-Americanos de 2023, tratando-se de um relato de experiência. A análise descritiva foi apresentada em etapas correspondentes as principais ações que marcaram suas trajetórias. Conclui-se que projetos como este, mesmo com dificuldades, possibilitam capacitação profissional, além estimularem a inclusão de pessoas com deficiência através do esporte, ao conviverem com pessoas semelhantes à sua deficiência, na mesma classe funcional e também conhecerem a diversidade das possibilidades de corpos nos eventos entre diferentes classes e multimodalidades. Por fim, destacamos que as lentes da interseccionalidade possibilitaram acessar algumas pistas para compreender a complexidade que elas viveram.

Palavras-chave: Parabadminton; Extensão Universitária; Pessoa com Deficiência; Interseccionalidade.

FROM A UNIVERSITY EXTENSION PROJECT TO THE PARAPAN AMERICAN GAMES: AN INTERSECTIONAL PERSPECTIVE ON THE TRAJECTORIES OF A BLACK PARA-BADMINTON ATHLETE AND COACH

ABSTRACT

This study aims to describe the journey of an athlete and a coach in Para-Badminton (both Black women) from the beginning of the extension project “Adapted and Paralympic Sports School” at the School of Physical Education, Physiotherapy, and Dance of the Federal University of Rio Grande do Sul, in 2019, up to their qualification for the 2023 Parapan American Games, presented as an

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil e Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Educação Física (Atividade Física Adaptada) pela UNICAMP e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

experience report. The descriptive analysis is organized in stages corresponding to the main actions that marked their trajectories. The study concludes that projects like this one, even when facing challenges, enable professional development and foster the inclusion of people with disabilities through sport. This occurs by promoting interaction among individuals with similar disabilities within the same functional class, while also exposing them to the diversity of bodily possibilities in events involving different classes and multimodalities. Finally, we highlight that the lens of intersectionality allowed for insights into understanding the complexity of their lived experiences.

Keywords: Para-Badminton; University Extension; People with Disabilities; Intersectionality.

DE UN PROYECTO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA A LOS JUEGOS PARAPANAMERICANOS: UNA MIRADA INTERSECCIONAL A LAS TRAYECTORIAS DE UNA ATLETA Y UNA ENTRENADORA NEGRAS DE PARABÁDMINTON

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo describir la trayectoria de una atleta y una entrenadora de parabádminton (ambas mujeres negras) desde el inicio del proyecto de extensión “Escuela de Deportes Adaptados y Paralímpicos” de la Escuela de Educación Física, Fisioterapia y Danza de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, en 2019, hasta su clasificación para los Juegos Parapanamericanos de 2023, constituyendo un relato de experiencia. El análisis descriptivo se presenta en etapas que corresponden a las principales acciones que marcaron sus trayectorias. Se concluye que proyectos como este, aunque enfrentan dificultades, posibilitan la formación profesional, además de fomentar la inclusión de personas con discapacidad a través del deporte, ya que promueven la convivencia entre personas con discapacidades similares, dentro de la misma clase funcional, y también el aprendizaje sobre la diversidad de posibilidades corporales en eventos con diferentes clases y modalidades. Finalmente, destacamos que el enfoque desde la interseccionalidad permitió acceder a algunas claves para comprender la complejidad de las experiencias vividas.

Palabras clave: Parabádminton; Extensión universitaria; Persona con discapacidad; Interseccionalidad.

INTRODUÇÃO

A Paralimpíada Escolar é a maior competição esportiva para adolescentes com deficiência (física, visual e intelectual) em idade escolar do mundo (Bataglion; Mazo, 2019) e têm por finalidade estimular a participação dos estudantes com deficiência na prática esportiva em todas as escolas do território nacional (Souza; Cabral; Barboza, 2021). O Parabadminton estreou nas Paralimpíadas Escolares no ano de 2019 e nos Jogos Paralímpicos em Tóquio 2020/21 (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2019, 2021). O objetivo do jogo, assim como no Badminton, é rebater a peteca por cima da rede para que toque no chão da quadra adversária e vence quem completar 21 pontos, em melhor de três games (Ginciene; Aburachid, 2014). A modalidade pode ser disputada individualmente e em duplas (do mesmo sexo e/ou mistas). No Brasil é regida pela Confederação Brasileira de Badminton (CBBd) e, em nível mundial, pela Federação Mundial de Badminton (BWF).

No esporte paralímpico, a classificação funcional é um sistema que tem como objetivo garantir equilíbrio e justiça nas competições, agrupando atletas de acordo com o nível de comprometimento físico ou funcional decorrente de suas deficiências, e não pelo tipo de deficiência em si (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2022). Assim, atletas com capacidades funcionais semelhantes competem entre si, permitindo que o resultado dependa principalmente da habilidade esportiva.

Seguindo esses princípios, no Parabadminton, quanto menor o número da classe, maior o grau de comprometimento funcional do atleta. Os jogadores são classificados em: duas classes para usuários de cadeira de rodas (Wheelchair – WH1 e WH2); duas classes para atletas com comprometimento nos membros inferiores (Standing Lower – SL3 e SL4); uma classe para atletas com comprometimento nos membros superiores (Standing Upper – SU5); e uma classe para pessoas com baixa estatura ou nanismo (Short Stature – SH6) (Strapasson; Lopes; Almeida, 2023). No Brasil, há também a classe SI7, destinada a atletas com deficiência intelectual, incluída em eventos nacionais para promover maior inclusão esportiva.

Participar dessas competições, seja enquanto atleta ou técnica, envolve processos de formação complexos que iniciam com o aprender a modalidade esportiva até ter apoio e condições para permanecer no circuito de competições. Atentas a essa complexidade, buscamos neste artigo descrever e compreender a trajetória de formação de uma atleta e uma técnica de Parabadminton (ambas mulheres negras) desde os primeiros contatos com a modalidade esportiva, a qual aconteceu no projeto de extensão “Escola de Esportes Adaptados e Paralímpicos” da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da UFRGS, em 2019, até a classificação para os Jogos Parapan-Americanos de 2023.

O projeto de extensão Escola de Esportes Adaptados e Paralímpicos, do curso de Educação Física UFRGS, teve início no segundo semestre de 2019 e tem como principal objetivo oportunizar a prática esportiva gratuita para pessoas com deficiência física e intelectual de baixa renda de Porto Alegre, tendo em vista a escassez de instituições de iniciação em esportes específicos para esse público na região. Além disso, tem a intenção de apresentar à comunidade acadêmica os Esportes Adaptados e Paralímpicos e, para torná-los ferramentas de inclusão social, estimular a capacitação profissional dos acadêmicos monitores da UFRGS com posicionamento crítico, participativo, comprometido com a Educação Física e com os esportes para as pessoas com deficiência (PcDs) em situações práticas embasadas na execução de pesquisas com participantes.

A principal modalidade oferecida às crianças e adolescentes com deficiência é o

Parabadminton devido à experiência prévia da coordenadora do projeto, por ter materiais para começar esta modalidade (raquetes, petecas e redes) e facilidade de adaptação da quadra, alternativamente marcada com fita adesiva em ginásios poliesportivos, além da portabilidade de equipamentos enxutos e leves. O planejamento das aulas de Parabadminton do projeto é feito semanalmente pelo grupo composto por docentes e discentes da graduação e as aulas são registradas em diário de campo e fotografias. Complementarmente, as filmagens são usadas em momentos cruciais para análise de jogo e movimento. A iniciação esportiva é realizada com bastante ludicidade para promover atividade física e diversão entre os participantes.

Alunos que apresentam condições, desejam e cujas famílias concordam, são acompanhados nos eventos competitivos. Como é o caso do Eduardo⁵, primeiro aluno a participar do Parabadminton nas Paralimpíadas Escolares (PEsc) pelo projeto e primeiro com nanismo a participar do Parabadminton nessa competição pela delegação gaúcha, com a conquista do 3º lugar na classe SH6. Cabe informar que pelo momento inicial da modalidade nesta competição, participaram 04 competidores. Adicionalmente, peculiaridade da regra do Badminton, tanto em campeonatos nacionais como internacionais, com exceção dos Jogos Paralímpicos, há dois “terceiros lugares”. Eduardo não pôde continuar na modalidade, pois manifestou progressiva perda da visão. Assim como Eduardo, outros/as alunos/as do projeto participarem das PEsc⁶ e acessaram outras competições de maior porte.

Assim, identificamos que esse projeto de extensão vem oportunizando PcDs fazerem uma trajetória esportiva, assim como, estudantes de Educação Física se tornarem técnicos/as de Parabadminton. A partir de um relato de experiência, construído através do acompanhamento da trajetória de formação de uma aluna do projeto em atleta de Parabadminton e de uma estudante de Educação Física em técnica esportiva, o objetivo deste texto é trazer algumas pistas para compreendermos as complexidades vividas por elas durante esse processo. Usamos as lentes da interseccionalidade (Collins; Bilge, 2021) para poder refletir sobre as vivências que elas tiveram e dar visibilidade para as relações de poder

⁵ Todos os nomes citados ao longo do artigo não fictícios para preservar o anonimato e contemplar questões éticas da pesquisa. Exceto o nome da primeira autora do artigo que faz parte do relato de experiência.

⁶ Outras e outros participantes do projeto participarem das PEsc. Patrícia, negra e com lesão de plexo braquial (SU5), que começou no projeto no final de 2019, competiu nas PEsc em novembro de 2021, aos 13 anos, conquistando o 2º lugar. Em novembro de 2022, Paula, com 12 anos, também negra e com amputação parcial do pé (SL4), conquistou o 3º lugar na simples e 1º lugar na dupla mista. Paula não pôde continuar, por não se adaptar à órtese e sentir dor. Em 2023, Marcelo, 13 anos, pardo e com sequelas de Paralisia Cerebral (SL4), conquistou o 3º lugar na simples. Neste último ano (2024), 03 alunos usuários de cadeira de rodas e 04 alunos com síndrome de Down iniciaram no projeto, assim como novos monitores voluntários que possivelmente irão participar das próximas PEsc.

presentes em sociedades marcadas por processos racistas, sexistas, classistas e capacitistas.

Esse conceito, ou como defende Collins (2022), essa teoria social da interseccionalidade, possui como construtos centrais, a relacionalidade, o poder, a desigualdade social, o contexto social, a complexidade e a justiça social. É necessário considerar esses aspectos para olhar e compreender o mundo. São constructos que nos dão elementos para não simplificar as análises, mas sim, identificar formas críticas de agir para mudanças sociais. Fazer esse relato de experiência é nos propormos ao “engajamento dialógico” (Collins, 2022, p. 206) em que podemos descrever as diferenças de poder e efeitos de cada ação desenvolvida e vivida. Consideramos que é um relato com posicionalidade, em que buscamos denunciar a fragilidade contida no processo de formação de uma atleta paralímpica devido as desigualdades e injustiças sociais. Se a interseccionalidade é uma teoria que não se dissocia da mudança social, aqui pretendemos ofertar informações e análises que possam colaborar para que novas paratletas e treinadoras mulheres negras tenham trajetórias diferentes e com maiores condições.

METODOLOGIA

Este trabalho é um relato de experiência construído no projeto de extensão “Escola de Esportes Adaptados e Paralímpicos”, do curso de Educação Física UFRGS a partir do acompanhamento de uma aluna do projeto, Patrícia, e de uma estudante de Educação Física, Stéphanie, que atuou como bolsista no mesmo e a qual é a primeira autora deste texto. As informações presentes neste texto são oriundas de observações e convivência no dia a dia delas no projeto, desde o ingresso, que aconteceu em 2019, até a classificação para os Jogos Parapan-Americanos de 2023. Devido a segunda e terceira autoras deste texto serem coordenadora e vice-coordenadora do projeto respectivamente, vivenciamos junto com elas as conquistas e os desafios enfrentados e estabelecemos em conjunto as decisões e estratégias que cada momento nos exigiu. Para análise optamos inicialmente em narrar as trajetórias da Patrícia e Stéphanie, e, após, fizemos alguns apontamentos a partir do conceito de interseccionalidade na tentativa de ter pistas para compreender o que foi por elas vivido. Importante registrar que todos/as os/as participantes do projeto são comunicados/as sobre as constantes dinâmicas de pesquisa e divulgação acadêmica envolvidas e consentem participar ao aderir. Os Termos de Consentimento/Autorização para participação de menor de idade e o Assentimento Livre e Esclarecido, foram devidamente assinados pelos/as atletas e seus/suas responsáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O início em 2019, os desafios da pandemia de COVID-19 em 2020 e a retomada presencial em 2021

Aline Miranda Strapasson iniciou trabalho como professora do curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS, em fevereiro de 2019. Em julho, ministrando um curso na instituição, Cláudia Romero⁷, perguntou se Aline estava interessada em ensinar Badminton para Eduardo, um adolescente com nanismo. Stephanie Brasil, discente do bacharelado em Educação Física fazendo o curso, já licenciada em Educação Física pela ULBRA (Universidade Luterana do Brasil), se apresentou e comunicou que era atleta e trabalhava com Badminton. Imediatamente a professora a convidou para ser monitora do projeto “Escola de Esportes Adaptados e Paralímpicos” a partir de agosto.

Eduardo teve o primeiro contato com a modalidade através do projeto e iniciaram sua preparação para as PEsc, fase final, que aconteceria em novembro do mesmo ano. Fase final, pois o estado do Rio Grande do Sul não tinha atletas de Parabadminton para disputar a fase estadual denominada PARACERGS (Jogos Paradesportivos do RS), resultando na classificação direta do aluno/atleta. Em paralelo a essa preparação, outros alunos com e sem deficiência iniciaram no projeto. Os alunos sem deficiência atendidos são parentes e/ou colegas e vizinhos dos alunos com deficiência, que precisam ser levados junto pelos pais no horário das aulas. Esta estratégia foi utilizada para oportunizar a prática esportiva dessas crianças/adolescentes ao invés de apenas ficarem esperando, bem como para motivar a permanência do aluno com deficiência no projeto.

Dia 26 de setembro, recebemos a visita da Patrícia (11 anos), sua irmã Simone (9 anos) e sua mãe, para aula experimental, recomendadas por aluno de graduação da professora Aline que ministrava arte marcial para Patrícia em um contexto não específico para PcD. A participação do Eduardo nas PEsc de 2019, foi um incentivo para a Patrícia, que relatou fazer parte dos seus sonhos o desejo de um dia também estar lá.

Em 2020, o projeto passou a ter uma vice coordenadora, Marília Martins Bandeira, que começara a lecionar na ESEFID em agosto de 2019, convidada a auxiliar na iniciativa de maneira a colocar em diálogo a abordagem da pedagogia do esporte com a dos estudos

⁷ Graduada em Educação Física pelo IPA (Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista); professora nas redes municipais de Novo Hamburgo - RS e Porto Alegre; e Técnica de Atletismo Paralímpico.

socioculturais em lazer. O semestre letivo iniciou em março de 2020 e o projeto recebeu mais 03 alunos com deficiência (dois meninos com Paralisia Cerebral e uma menina com Síndrome de Down), mas logo foi interrompido pela pandemia de COVID-19.

Sem a noção do tempo que duraria o isolamento, tentamos desenvolver atividades *on-line*, com o intuito de manter o vínculo com os alunos, através de movimentos e jogos lançados semanalmente para todos da equipe realizarem em casa. A intenção era que ao final do período de isolamento social, quem contabilizasse mais pontos seria o campeão. Mas, infelizmente, a proposta só teve aderência da professora e monitoras, o que nos fez suspender a ação digital e aguardar o retorno das atividades presenciais.

Ainda em período da pandemia, fomos informadas de que as PEsc/2021 aconteceriam em novembro. Mas, a ESEFID continuava de portas fechadas para as atividades presenciais. Entramos em contato com os alunos e seus responsáveis para saber quem tinha interesse e condições em retomar as aulas do projeto. Foi preciso utilizar de aluguel de quadra para a oferta das aulas. O local disponível para as práticas de Parabadminton que locamos com recursos financeiros próprios, era o complexo esportivo *Paddle* MMC, em Canoas, região metropolitana de Porto Alegre. Dentre as 03 quadras de *paddle*, uma delas também tinha as marcações do Badminton. Então, dia 05 de julho, iniciamos as atividades com Patrícia e sua irmã, em sessões de 02 vezes por semana, 02 horas cada.

O plano de iniciação ao Badminton foi baseado nas referências de Alvarez e Stucchi (2008), Fonseca e Silva (2012) e no programa de ensino de Badminton Escolar da Federação Mundial de Badminton (BWF, 2013) e desenvolvido com brincadeiras, jogos e exercícios voltados para as questões técnicas como empunhadura, movimentos coordenativos com os pés que ajudam no trabalho de deslocamento e movimentação em quadra, chamados '*footwork*'; agilidade para ajudar no deslocamento em quadra; desafios para estimular as habilidades cognitivas e raciocínio, como direcionar a peteca para os pontos vazios da mesma.

Em julho, a monitora do projeto passou a ministrar aulas no ginásio no clube da Sociedade Amigos do Balneário Ipanema (SABI), em Porto Alegre, com quatro quadras de Badminton. Mesmo mais perto em comparação ao MMC de Canoas, apenas 02 alunos manifestaram interesse em retornar. Com o passar do tempo, a turma da SABI se configurou com 04 alunos (03 sem deficiência), possibilitando dias fixos de aula, segundas e quartas-feiras, com uma hora e meia de duração cada, sendo o aluguel dividido entre esses participantes e com outro grupo de seis pessoas que compartilhava o ginásio no mesmo horário.

De 22 a 27 de novembro, o Centro Paralímpico Brasileiro (CPB), localizado em São

Paulo, sediou a 14ª edição das PEsc. Patrícia, foi acompanhada pela professora Aline e a família da atleta (mãe, irmã, padrasto e filha do padrasto), sendo que a mãe dela solicitou férias no período dos jogos para acompanhar e incentivar a filha. De acordo com os relatos da Patrícia e da sua família, foi um momento muito especial de acolhimento, no qual puderam observar distintas deficiências e confirmar o universo de possibilidades existente no Esporte Paralímpico.

Dia 09 de dezembro, Patrícia recebeu o convite para participar do *Camping* Escolar Paralímpico (CEP), que aconteceria no ano subsequente. Ela foi convocada por ter se destacado nas PEsc. Segundo o CPB (2022), o CEP é realizado desde 2018 nas dependências do CPB e tem como principal objetivo proporcionar a jovens atletas o primeiro contato com a rotina de alto rendimento. Souza, Cabral e Barboza (2021) afirmam que o projeto acontece no período das férias escolares e recessos, pois a proposta é conscientizar os atletas sobre a importância de continuar o treinamento esportivo, juntamente ao desempenho escolar. Ademais, o CPB é o responsável pelos custos de hospedagem, alimentação, uniforme e transporte, e durante o período que os atletas estão no *camping* são submetidos a testes, avaliações, também participando de palestras e treinamentos.

Antes de encerrar o ano, conversamos com Patrícia e sua família, e ela manifestou que gostaria de continuar participando de eventos visando o alto rendimento. Assim, novas perspectivas e ações foram efetivadas.

Em 2022 o projeto circula a América

No início de 2022, ainda sem previsão de retorno presencial da UFRGS, continuamos nos espaços locados, retornando em fevereiro com a presença de mais um adolescente com Paralisia Cerebral. Enquanto isso, Patrícia participou do CEP, 1ª etapa, que aconteceu de 29 de janeiro a 05 de fevereiro, no CPB. Nele os atletas treinaram com um dos técnicos da Seleção Brasileira de Parabadminton, realizaram avaliação física, participaram de palestras e “bate-papos” com atletas Paralímpicos. Dentre os 902 participantes das PEsc/2021, apenas 127 atletas receberam o convite. Seguimos os treinos regulares duas vezes por semana tendo como objetivo a participação no Campeonato Nacional de Parabadminton. Dia 23 de abril aconteceu a primeira Etapa do Campeonato Estadual de Badminton em Porto Alegre. Patrícia participou na categoria sub-15 do Badminton convencional, disputando jogos simples e dupla feminina, tendo como parceira a sua irmã, conquistando a prata e o bronze respectivamente.

A universidade retornou presencialmente em junho de 2022, possibilitando voltar aos

treinos na ESEFID. De 04 a 09 de julho Patrícia participou da segunda etapa do CEP e, em entrevista para Mello (2022), demonstrou a positividade da sensação de inclusão e valorização proporcionada pela experiência. No dia 16 de julho, aconteceu a III Etapa Estadual de Badminton, na cidade de Caxias do Sul, na qual Patrícia e Simone novamente jogaram juntas e conquistaram o 3º lugar na dupla feminina sub-15. Na categoria simples feminina sub-15, Patrícia não conquistou pódio, mas relatou que a experiência foi positiva. A participação nos estaduais fez parte do planejamento para a preparação da atleta para o Campeonato Nacional.

Para participar de Campeonatos Nacionais de Parabadminton, foi necessária a inclusão de Patrícia em um clube filiado à Federação Gaúcha de Badminton (FGB) e a CBBd. A Associação de Badminton de Porto Alegre (BADPOA), foi sugerida pela monitora Stephanie, que começava a trabalhar lá. Como este projeto de extensão tem por missão ser gratuito, não havia condições orçamentárias de realizar a filiação diretamente⁸. É importante citar que, embora em algumas etapas anuais, o CPB e a CBBd disponibilizem estadia e alimentação, o custo (filiação da atleta, inscrição no campeonato, transporte, estadia e alimentação) dos eventos Nacionais de Parabadminton é de cada participante.

Começou-se a orçar valores de passagens, uniformes de jogo dentro dos padrões estipulados pela CBBd, bem como melhores raquetes e tênis específicos de Badminton. Todos esses custos foram assumidos pela coordenadora, monitora e família da atleta, cada uma arcou com sua passagem e uniforme. Nesse evento houve direito a hospedagem no residencial do CPB, mas não alimentação gratuita. Portanto, foi preciso uma campanha nas redes sociais solicitando ajuda financeira.

O referido campeonato aconteceu de 25 a 28 de agosto, no CPB e Patrícia foi acompanhada por Stephanie e Aline. Com 14 anos, Patrícia conquistou o 2º lugar em sua classe (SU5), competindo contra 04 outras atletas com experiências e idades maiores que as dela.

De 06 a 09 de outubro, aconteceu a III etapa do Campeonato Nacional de Parabadminton, no qual Patrícia participou, acompanhada novamente de Stephanie e Aline, que pagaram suas passagens com recursos pessoais. Esta etapa é a única do ano na qual acontece paralelamente a categoria aberta, o Campeonato Brasileiro “Diego Mota” Sub-23, no qual atletas de até 22 anos devem competir pelo menos em uma das três categorias: simples ou duplas. Patrícia competiu na simples e estreou na categoria dupla feminina

⁸ Para maiores informações sobre financiamento público de esporte ver Carneiro, Silveira e Mascarenhas, 2025.

(SL3/SU5), conquistando o 3º lugar em ambas. Na categoria SU5 há uma média de 07 atletas e 03 a 04 duplas.

Entendendo a importância da Psicologia Esportiva na vida de um atleta, em novembro, uma psicóloga e professora de Educação Física, aceitou realizar um trabalho voluntário com Patrícia, através de sessões *on line*, uma vez por semana, com duração de uma hora cada. Patrícia treinava três vezes por semana e teve a oportunidade de dobrar os dias de treino na BADPOA, mas pela dependência para deslocamentos e sobrecarga da mãe, que necessitava levá-la ao treino, aguardá-la e depois voltar para casa, na cidade de Viamão, essa ação foi inviabilizada.

As PEsc aconteceriam de 21 a 26 de novembro, mas durante a etapa Nacional de outubro, soubemos da possibilidade de participação no Pan-americano de Parabadminton, na mesma data, em Cali, Colômbia. Nossa equipe, em concordância com a atleta e família, optou pela participação da Patrícia nos Jogos Parapan-Americanos, pois seria uma oportunidade de futura convocação para seleção nacional e/ou bolsa atleta internacional.

A CBBd convoca atletas mais bem ranqueados para representar o Brasil em competições internacionais, custeando todas as despesas. Mas, no caso do Pan-americano da Colômbia, Patrícia não estava ainda convocada. Além do treinamento, foi preciso disponibilizar tempo e dedicação para buscar recursos. A família de Patrícia implementou rifa e campanha de arrecadação de tampinhas de plástico para vender para reciclagem. O Programa de Sustentabilidade do Campus membros do projeto Recreação Integrativa para pessoas com Síndrome de Down e frequentadores de outros projetos colaboraram e a equipe pedagógica auxiliou em divulgar as iniciativas e elaborar e compartilhar “vaquinha” *online* para arrecadar fundos. Stéphanie foi como técnica e por ser a primeira competição internacional da filha menor de idade em outro país, sua mãe também a acompanhou.

Antes do início da competição, Patrícia teve que passar pela classificação funcional, obrigatória para atletas que participam pela primeira vez de um evento internacional. Para Freitas e Santos (2012), a classificação funcional constitui-se em fator de nivelamento entre aspectos da capacidade física e competitiva, colocando deficiências semelhantes em determinado grupo. Patrícia, classificada como SU5 no Brasil, seguiu na mesma classe após a oficialização da classificação internacional. Uma vez realizada, não há necessidade de refazer, pois sua patologia é estável.

Patrícia participou da competição nas categorias simples e dupla mista com um atleta SL3. Foi sua primeira experiência jogando dupla mista, categoria válida para os Jogos

Paralímpicos, portanto, uma chance a mais. Essa dupla teve uma boa sincronia, chegando a vencer dois jogos da fase de grupos. Mas, infelizmente no primeiro jogo da fase classificatória não venceram. Na simples feminina, Patrícia jogou contra atletas do Peru e Chile. Na semifinal fez ótima partida contra o Peru, perdendo de dois *sets* a um e conquistando uma medalha de bronze entre 6 atletas.

Ao retornarem da sua primeira experiência internacional e treinando a modalidade há um ano e meio, foi notável a evolução da Patrícia em relação às questões técnicas e a noção de jogo. Ela também demonstrou que estava disposta a seguir uma carreira esportiva, então intensificamos os treinamentos.

No último mês do ano buscamos apoio do projeto de extensão e pesquisa em Treinamento de Força (GPTF/UFRGS), com objetivo de prevenção de lesões e melhora do condicionamento físico. O ideal seria treinar intercalando com os dias de treino técnico, mas para isto teria que frequentar a universidade quatro vezes por semana. Mas, devido a falta de disponibilidade de tempo para trânsito, os treinos técnicos e de academia muitas vezes foram realizados nos mesmos dias.

No final de 2022, traçamos as metas do ano seguinte tendo em vista que Patrícia possuía grandes chances de pleitear Bolsa Atleta Internacional devido à medalha na Colômbia. Além disso, era preciso organizar quais campeonatos internacionais participar em 2023, levando em consideração a questão financeira, já que não tínhamos nenhum sinal de patrocínio e/ou suporte e com custos parcelados remanescentes das viagens anteriores. A meta foi a convocação para os Jogos Parapan-Americanos de Santiago, que aconteceriam em novembro de 2023, para ter os custos cobertos.

2023: da classificação no Oriente Médio ao Parapan-Americano do Chile

Em fevereiro de 2023, a CBBd lançou o edital do programa PODE (Polo de Desenvolvimento de Parabadminton) e, em parceria com a BADPOA, nos inscrevemos. Nosso projeto foi contemplado e durante 06 meses, recebemos o valor equivalente de 1.500,00 reais mensais. Em contrapartida, tínhamos que enviar relatórios mensais descrevendo a evolução de cada aluno e as ações que estávamos realizando. Também em fevereiro, nossa atleta iniciou um acompanhamento nutricional gratuito, com uma ex-monitora do projeto.

Nos inscrevemos para participar do Campeonato Internacional de Parabadminton da

Espanha, que aconteceria em fevereiro. A referida competição estava na lista de classificação aos Jogos Parapan-Americanos. Mas, infelizmente, tivemos que desistir por questões financeiras. Entre 10 e 16 de abril, aconteceu no CPB, o *Brazil Parabadminton International* - competição de alto nível que compunha o calendário da *Badminton World Federation* (BWF). Esta competição pontuava tanto para os Jogos Paralímpicos de Paris/2024 quanto para os Jogos Parapan-Americanos do Chile/2023. Foram mais de 200 atletas inscritos, de 36 países.

Como a competição era em nosso país e Patrícia já havia iniciado a trajetória em competições internacionais, mesmo bastante jovem (com 14 anos), a participação foi considerada indispensável devido ao menor custo pela distância. A CBBd isentou a inscrição de todos os atletas brasileiros que manifestaram interesse e nos hospedamos gratuitamente no residencial do CPB, com direito a alimentação. Uma economia bastante significativa, nos deixando somente com os gastos de transporte. Patrícia foi acompanhada por Stephanie e Aline e o monitor Bruno também foi conhecer o evento com recursos próprios. Patrícia participou das três modalidades dentro da competição: simples e duplas junto a atletas SL3.

No dia 20 de abril, a CBBd divulgou a lista de atletas contemplados no edital da Bolsa-A atleta 2023. Patrícia, em maio, começaria a receber o valor de 1.850,00 reais por um ano. No mesmo mês aconteceria a última competição internacional decisiva para classificação nos Jogos Parapan-Americanos. Era apenas uma vaga. Patrícia estava em segunda posição em relação à primeira brasileira de sua classe no *ranking* internacional. Nossa atleta havia participado apenas de duas competições internacionais, sendo que a outra brasileira havia participado de três. Então, decidimos participar do “*Bahrein Para Badminton Internacional*” em Manama, para igualar o número de competições internacionais com a referida atleta e aumentar pontos obtendo uma ou mais vitórias no evento.

Foi uma decisão difícil, pois os custos da viagem para Stephanie e Patrícia seriam os maiores até então, aproximadamente 24 mil reais, o que comprometeria o uso de todo o valor de um ano de bolsa. Mais uma vaquinha e rifa *on-line* foram elaboradas para auxiliar nos gastos. No total, arrecadaram somente 1.795,00 reais a vaquinha e 830,00 reais a rifa.

Stephanie e Patrícia chegaram à Bahrein no dia 16 de maio, após 02 dias de viagem, sem oportunidade para aclimação, pois a competição aconteceu entre os dias 17 a 23. Patrícia participou das três modalidades (simples e duplas), se unindo pela primeira vez com atletas de outros países. Jogou a dupla feminina com uma indiana e a dupla mista com um belga. Durante a fase de grupos venceu um jogo na dupla mista, mas para avançar precisavam

vencer dois. Na dupla feminina perderam todos os jogos e na simples feminina ficou em um grupo com 04 competidoras na qual duas avançaram para a fase eliminatória. Patrícia chegou a vencer um jogo contra a ugandesa atingindo um dos nossos objetivos que era somar pontos para avançar no *ranking* internacional.

Em maio o projeto foi contemplado pela primeira vez com uma bolsa de monitoria da própria UFRGS, com duração de um ano, no valor mensal de 700,00 reais para alunos de graduação. Então, como monitorea voluntária mais antiga, Stephanie passou a receber esse auxílio.

O desafio seguinte desse ano foi a II etapa Nacional de Parabadminton, que aconteceu entre 27 a 30 de julho, em São Paulo. Nessa etapa, o CPB sediava outras competições paralímpicas e não conseguiu alojar todos os participantes da competição. Stephanie e Patrícia não foram contempladas. Patrícia jogou dupla mista e simples feminina. Na mista não conseguiram medalha e na simples, conquistou o 3º lugar. Durante a competição foi divulgada a lista dos atletas classificados para as disputas individuais de Parabadminton nos Jogos Parapan-Americanos de Santiago (CBBd, 2023). Nossa atleta foi convocada para a seleção brasileira.

Mas, desde o início do ano de 2023, a FGB não divulgou o calendário referente às competições Estaduais. Participar dos eventos Estaduais é uma forma de preparação para as competições. Então, em parceria com o técnico do Estado do Paraná e em conjunto com a mãe da Patrícia, realizamos os trâmites necessários e a filiamos na Federação Paranaense de Badminton.

Após ser filiada no Paraná, Patrícia viajou junto com sua família, com recursos próprios, 875 km de carro, até a cidade de Marechal Cândido Rondon, para participar do 3º Circuito Estadual de Badminton, não específico para PcDs, que aconteceu em setembro. Patrícia jogou a simples e a dupla feminina sub 17, conquistando bronze na dupla.

Entre 17 e 20 de outubro, aconteceu o Campeonato Brasileiro de Parabadminton, em São Paulo. Desta vez, Patrícia foi acompanhada pela professora Aline e seu pai, que ainda não tinha conseguido ver a filha disputando campeonatos. Patrícia mostrou-se segura e motivada com sua presença. O referido evento teve a categoria sub-23 e Patrícia, com 15 anos, participou da simples feminina (sub-23) e das duplas feminina e mista (categoria aberta) formando pares com atletas de Goiás e São Paulo. Na simples conquistou o 2º lugar e, nas duplas feminina e mista a prata e o bronze, respectivamente.

Nos dias 29 de outubro a 5 de novembro ocorreu o “I Treinamento de Jovens do

Parabadminton”, no CPB, organizado pela CBBd. Foram convocados 14 jovens e seus respectivos técnicos para participarem de uma semana de treinamento, testes, palestras e conversas. Stéphanie e Patrícia ganharam hospedagem e alimentação, arcando somente com o transporte.

De 12 a 16 de novembro Patrícia ficou hospedada no CPB com a seleção Brasileira de Parabadminton que embarcou para Santiago dia 17 para participar dos Jogos Parapan-Americanos. Chegaram no Chile com tempo para aclimatação, reconhecimento de quadra e treinamentos, pois a competição da modalidade estava prevista para iniciar dia 22 e finalizar dia 26. Patrícia foi classificada pelo *ranking* internacional para disputar os jogos de simples feminina, portanto, não jogou duplas. Foram ofertados convites para a CBBd convocar mais atletas de acordo com seus critérios. Dos convites cedidos, dois deles foram para duas outras atletas da classe SU5 feminina.

Os Jogos Parapan-Americanos fazem parte da classificação aos Jogos Paralímpicos 2024. A competição reuniu 17 modalidades Paralímpicas e 33 países participantes. O Parabadminton realizou sua segunda participação, levando 31 atletas, sendo que um deles, o Victor Tavares (SH6), participou dos Jogos Paralímpicos de Tóquio.

Na classe SU5 feminina, eram 08 competidoras: 03 Brasil, 02 Peru, 02 Chile e 01 Cuba, divididas em dois grupos. Patrícia ficou no grupo com a campeã do Parapan de Lima em 2019, Mikaela Coelho⁹, do Brasil. As disputas foram todas contra todas. O primeiro jogo foi Brasil contra Brasil e Patrícia perdeu por 02 sets a 0. Patrícia venceu a chilena e perdeu da peruana, não avançando para as semifinais e encerrando sua participação sem medalha na competição. Segundo sua mãe, Patrícia ficou muito abalada com a não conquista de medalha. Stéphanie conversou com Patrícia por chamada de vídeo e a fez refletir sobre ser muito jovem e que ao continuar treinando e se dedicando, sua vez de estar no pódio vai acontecer. O episódio resultou em dificuldades emocionais que levaram Patrícia se afastar dos treinos e competições por alguns meses. Mas, ao receber convite da CBBd para o treinamento de jovens de uma semana de 2024 no CPB, juntamente com a seleção e com a ida de Stéphanie para o curso de *Coach Level 1* da BWF, também no CPB, com custos cobertos, ela decidiu retornar.

É muito significativo que as trajetórias de Patrícia e Stéphanie tenham sido assim traçadas, visto que poucas atletas negras são representadas pela mídia esportiva (Borges; Borges, 2012), mas menos ainda, treinadoras e gestoras negras têm oportunidade nas

⁹ Campeã dos Jogos Parapan-Americanos do Chile/2023.

posições de liderança do esporte de alto rendimento (Leizer, 2023). No Brasil, a população desta cor ao estar também posicionada nas classes socioeconômicas mais baixas, acrescenta obstáculos interseccionais. Assim, optamos neste relato em problematizar um pouco mais sobre esse tema.

Estudos recentes, como o de Feliciano et al. (2025), intitulado “‘Ser mulher no esporte significa ter que trabalhar o dobro para alcançar algo’: depoimentos de atletas paralímpicas brasileiras”, evidenciam que mulheres com deficiência enfrentam barreiras múltiplas para alcançar reconhecimento e oportunidades no esporte, exigindo esforço redobrado em contextos permeados por machismo e capacitismo. No caso aqui relatado, tais desafios se intensificam pela presença do marcador racial, reforçando a relevância de uma leitura interseccional das trajetórias da atleta e da técnica negras de Parabadminton, cujas vivências refletem e ampliam as desigualdades observadas no cenário esportivo nacional.

As análises de Feliciano et al. (2025) mostram como gênero e deficiência operam como marcadores sociais potentes na conformação das trajetórias esportivas. As quatro atletas entrevistadas descreveram como a deficiência, frequentemente interpretada sob a lógica do modelo médico, é associada à limitação e à dependência, reforçando estigmas e restringindo o reconhecimento social e profissional dessas mulheres. Ao mesmo tempo, o esporte surge como um espaço ambivalente: ainda que exponha o corpo feminino com deficiência à visibilidade e ao julgamento social, ele também possibilita ressignificar identidades, fortalecer a autoestima e ocupar lugares de protagonismo e liderança. Como relataram as participantes, ao vestirem o uniforme esportivo, “são vistas de forma diferente” (p. 5), não apenas como corpos com deficiência, mas como exemplos de força e inspiração.

Esse processo de empoderamento, contudo, não elimina as desigualdades. A sub-representação feminina no esporte paralímpico e falas como “as meninas precisam trabalhar o dobro para serem notadas” (p. 1) evidenciam a persistência de barreiras estruturais de gênero. No contexto da presente pesquisa, que acompanha a trajetória de uma atleta e de uma técnica negras de Parabadminton, essas análises ajudam a compreender como os marcadores de gênero, raça e deficiência se entrecruzam, intensificando os desafios enfrentados e, simultaneamente, revelando a potência do esporte como ferramenta de visibilidade, reconhecimento e transformação social.

Assim como nas narrativas analisadas por Feliciano et al. (2025), as experiências das protagonistas deste estudo também evidenciam a importância do pertencimento e da coletividade feminina como estratégias de resistência. A convivência e o apoio mútuo entre

mulheres negras e com deficiência, em um espaço esportivo historicamente excludente, reforçam um sentimento de empoderamento compartilhado, no qual o sucesso individual se converte em conquista coletiva.

Interseccionalidades: os atravessamentos de gênero, raça e classe nas trajetórias de uma atleta com deficiência e sua treinadora

A interseccionalidade nos parece uma ferramenta analítica potente para compreender as trajetórias narradas neste trabalho. Ela expressa que

[...] em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 16).

Acompanhar os desafios vividos por Patrícia e Stéphanie nos mostram a complexidade de ser mulher, negra, de classe social baixa e com deficiência no Brasil. Não foram poucas as dificuldades financeiras vividas por ambas. Houve, até mesmo, impedimentos de participação em eventos e de melhores qualidades de treinamento devido a falta de recursos econômicos. Os estudos de Lélia Gonzalez¹⁰ já apontavam o quanto a mulher negra ocupa, em nosso país, as camadas mais baixas da economia. Além disso, a elas historicamente são destinados os postos de trabalho mais simples e que exigem menor qualificação. Contudo, trazendo informações desde o regime escravista, Gonzalez identifica que o “mito da democracia racial brasileira” (2020, p. 30) nos fez desconsiderar as desigualdades que a mulher negra vem enfrentado. Importante destacar que diferentes de outros países, como por exemplo os Estados Unidos, o Brasil elaborou um imaginário social em que o racismo não estava mais presente na sua constituição após o processo de libertação dos escravizados. Contudo, conforme destaca Lélia Gonzalez esse foi um mito, uma vez que os processos de racismo estavam e estão presentes em distintas esferas da sociedade e no cotidiano das pessoas.

Se, numa leitura inicial das trajetórias trazidas nesse relato de experiência,

¹⁰ Ver o livro “Por um Feminismo Afro Latino Americano” (Gonzalez, 2020) que consiste em um compilado de textos publicados por Lélia em distintos tempos e lugares. Esse livro foi organizado por Flávia Rios e Márcia Lima.

poderíamos pensar que as dificuldades enfrentadas foram apenas financeiras, ao olharmos a partir da lente interseccional e considerar o processo histórico do nosso país em relação a mulher negra, vamos nos dando conta do processo de racismo, sexismo e capacitismo que compõem essas trajetórias.

A insegurança que Patrícia sentiu quando não conseguiu conquistar uma medalha nos Jogos Parapan-Americanos também diz respeito aos mecanismos históricos que foram sustentando uma ideia de igualdade entre os cidadãos, invisibilizando ações cotidianas em diferentes instâncias e esferas que vão mantendo, e quiçá, aumentando a distância de poderes de quem é marcado/a pela diferença, ou seja, não é homem, branco, de classe social alta e sem deficiência. Tanto Gonzalez (2020) quanto Collins e Bilge (2021) chamam a atenção que gênero, classe e raça marcam nossas subjetividades, nossas formas de sentir e viver.

Foram muitas as estratégias criadas e efetivadas por diferentes pessoas e instituições para que Patrícia e Stéphanie iniciem em um projeto de extensão universitário e acessem os Jogos Parapan-Americano. A inserção de um projeto para PcDs na UFRGS; amigos, familiares e vizinhos se responsabilizarem pela ida aos encontros semanais; as inúmeras estratégias para conseguir recursos financeiros (rifa, vaquinha, vender tampinhas PETs); os custeios feito pela CBP; as bolsas atletas e de extensão; os profissionais que voluntariamente prestaram serviços são algumas das ações presentes neste relato de experiência que ao mesmo tempo mostram as implicações da nossa história de desigualdade no Brasil, mostram também, brechas e saídas que encontramos para não replicar e manter as desigualdades. Todas as ações que possibilitaram essa caminhada são passos importantes que vão ampliando as possibilidades que elas, Patrícia e Stéphanie, tem de efetivarem suas profissionalizações no esporte de alto rendimento. São ações que podemos denominar de reparadoras, ou seja, reparam os danos que as opressões do racismo, sexismo, classismo e capacitismo causaram na nossa sociedade. São ações fundamentais para que possamos mudar as realidades de futuras atletas e treinadoras negras de baixa renda que venham desejar sucesso no esporte paralímpico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é fruto de um relato de experiência da trajetória de uma atleta e uma técnica de Parabadminton (ambas mulheres negras). A partir das lentes da interseccionalidade acessamos algumas pistas para compreender a complexidade que elas viveram desde iniciarem em um projeto de extensão universitário até irem aos Jogos Parapan-Americanos.

Durante essas trajetórias, foram enfrentados os desafios da pandemia de COVID-19, agravados pela anterior falta de recursos para a iniciação esportiva, de garantir participação nas competições e a desvalorização do esporte no Estado, principalmente do paradesporto. Foram imprescindíveis neste processo, então a rede de apoio voluntária: equipe pedagógica, psicóloga, nutricionista, comunidade frequentadora do campus que separava as tampas plásticas para serem vendidas para reciclagem, doadores das campanhas e parcerias: BADPOA, Federação de Badminton do Paraná, bem como auxílio para materiais via edital da CBBd, Bolsa Atleta Internacional e a Bolsa de Monitoria acadêmica conquistadas.

O projeto possibilitou aos discentes, além da experiência rotineira de ensino-aprendizagem e periodização de treinamento, também o entendimento sobre questões de gestão, tanto de carreira esportiva individual, quanto do funcionamento de equipes e clubes, como de Federações e campeonatos. Ademais, fomentou o diálogo multiprofissional com seus diversos apoiadores de subáreas complementares possibilitando aprofundamento da qualificação para o trabalho com PcDs.

Quanto a atleta que acompanhamos, protagonista deste estudo, uma mulher negra com deficiência, o projeto de extensão universitária, além de oportunizar a prática esportiva gratuita, proporcionou uma mudança na trajetória de vida, trazendo maior visibilidade à Patrícia, valorização pessoal, representatividade e possibilidade de profissionalização através do esporte. Essas conquistas de Patrícia, são sobretudo, um rompimento dos processos históricos que mantêm o racismo, machismo, classismo e capacitismo, apontando brechas e possibilidades para que os marcadores da diferença não sejam sinônimos de desigualdades.

Iniciar uma carreira de treinadora e atleta têm alto custo socioeconômico para capacitar-se profissionalmente, adquirir equipamentos, participar de campeonatos, além de alteração na rotina das próprias famílias. Esses fatores não podem mais ser apenas a trajetória de sacrifícios familiares e individuais excepcionais, mas sim resultado de direitos garantidos. A extensão universitária pode proporcionar essa ponte entre aquisição de experiência supervisionada para o graduando e acesso de baixo custo a atividade física, lazer e esporte para a comunidade.

Iniciar nas PEsc/2021 representando o Rio Grande do Sul, e dois anos depois, conquistar uma vaga e participar dos Jogos Parapan-Americanos 2023 representando a Seleção Brasileira de Parabadminton, com apenas 15 anos de idade, reflete o empoderamento que o esporte Paralímpico pode proporcionar. Mas não se pode deixar de problematizar o quanto é exceção e toda dificuldade envolvida no processo.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, T. B. R., & Stucchi, S. Introdução ao Movimento do Badminton. (2008). *Revista Movimento e Percepção*, (9)13, 140-149.
- Bataglion, G. A., & Mazo, J. Z. (2019). Paralimpíadas Escolares (2006-2018): evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. *Recorde - Revista da História do Esporte*, (12)1, 1-42.
- Badminton World Federation - BWF. (2013). *Shuttle Time. O programa de Badminton escolar da BWF. Manual para professor*. BWF.
- Brasil. (2004). *Lei nº 10.891, de 09 de julho de 2004. Institui a Bolsa-Atleta*. https://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891compilado.htm
- Borges, R. C. da, & Borges, R. (2012). *Mídia e Racismo*. ABPN.
- Carneiro, F. H. S., Silveira, R. da, Mascarenhas, F. O financiamento público de esporte e lazer nos estados e Distrito Federal de 2013 a 2023. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, Vol. 15, e110038, 2025. <https://doi.org/10.51995/2237-3373.v15i3e110038>
- Collins, P. H. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- Collins, P. H. & Bilge, S. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB. (2019, 21 de novembro). *Parabadminton faz estreia nas Paralimpíadas Escolares e dá nova opção a jovens atletas*. <https://cpb.org.br/noticias/parabadminton-faz-estreia-nas-paralimpiadas-escolares-e-da-nova-opcao-a-jovens-atletas/>
- Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB. (2021, 22 de novembro). *Confirma todos os Boletins das Paralimpíadas Escolares 2021*. <https://cpb.org.br/noticias/confirma-todos-os-boletins-das-paralimpiadas-escolares-2021/>
- Confederação Brasileira De Badminton - CBBd. (2023, 27 de julho). *Jogos Parapan-Americanos 2023: CBBd divulga lista de classificados para disputas individuais*. <https://www.badminton.org.br/noticia/5413/jogos-parapan-americanos-2023-cbbd-divulga-lista-de-classificados-para-disputas-individuais/>
- Feliciano, N. F., dos Santos Alves, I., Guidetti-Turchetti, R. M., & Alves, M. L. T. (2025). “Being a Woman in Sports Means Always Having to Work Twice as Hard to Achieve Something”: Voices from Brazilian Female Paralympic Athletes. *Disabilities*, 5(4), 97.
- Fonseca, K. V. O., & Silva, P. R. B. (2012). *Badminton. Manual de fundamentos e exercícios*. Maristela Mitsuko Ono.
- Freitas, P. S. de, & Santos, S. S. Dos. (2012). *Fundamentos Básicos da Classificação Esportiva para Atletas Paralímpicos*. (pp. 45-49). In Mello, M. T. de, & Winckler, C. (Orgs.). *Esporte Paralímpico*. Atheneu.
- Ginciene, G., & Aburachid, L. M. C. (2014). *Badminton*. (2ª ed., pp. 63-136). In González, F. J., Darido, S. C., & Oliveira, A. A. B. (Orgs.). *Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo*. Eduem.

Gonzalez, L. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização da Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Classification Code and International Standards. Bonn: IPC, 2022. Disponível em: <https://www.paralympic.org/classification-code>

Leizer, V. (2023). *Mulheres na Gestão do Esporte no Brasil: desigualdades de gênero enfrentadas e combatidas por um coletivo plural* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259689>

Mello, A. M. de. (2022). *Repertório de atividades para iniciação ao Para-badminton: um estudo de caso sobre o Projeto Escola de Esportes Adaptados e Paralímpicos da ESEFID/UFRGS* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

Souza, R. P., Cabral, S. I. C., & Barboza, F. L. (2021). *Iniciação Esportiva e Detecção de Talentos no Esporte Paralímpico*. (pp. 39-60). In Silva, A., & Mello, M. T. (Orgs). *Esporte Paralímpico da Organização ao Alto Rendimento*. Editora dos Editores Eireli.

Strapasson, A. M., Lopes, M. C., & Almeida, R. M. de. (2023). *Modalidades de Raquetes Paralímpicas*. (pp. 281-324). In Winckler, C. (Org.). *Pedagogia do Paradesporto*. Editora do Autor.